



## CAPÍTULO UM

O demónio queria sair.

O homem não se sentia surpreendido nem alarmado. Ao fim do dia, quando a sua mente deixava de estar assoberbada pelo trabalho e o seu corpo necessitava desesperadamente de relaxar, a besta começava sempre a agitar-se.

Durante muito tempo, quase um ano inteiro, o demónio escondera-se dele, pelo que não se percebera da sua presença. Ingenuamente, acreditara então que estava a ter ataques de pânico ou surtos, como gostava de os imaginar, já que assim pareciam de certo modo menos assustadores. Começavam com uma sensação de ansiedade que lhe aparecia no fundo do ventre. Não era de todo desagradável. Gostava do calor que sentia ao colocar os braços em volta de uma pedra quente para aquecer o corpo enregelado, mas à medida que o dia avançava, a pedra começava a ficar cada vez mais quente, até irradiar uma temperatura insuportável. Era nessa altura que a ansiedade voltava a invadi-lo, uma ansiedade horrível que lhe arrepiava a pele e fazia os pulmões arder com a necessidade de gritar, gritar e gritar, e em desespero pensava logo em tomar um dos comprimidos especiais que o médico lhe receitara, porém nunca chegava a tomar nada, nem mesmo uma aspirina, com receio de que a medicação o despertasse.

Acreditava que era um bom homem. Pagava os seus impostos, ia à Igreja aos domingos e tinha um emprego a tempo inteiro. Era um tipo de trabalho stressante e meticuloso que requeria toda a sua concentração, e não havia tempo para pensar ou preocupar-se com o pesado fardo que o esperava em casa. Não se preocupava com as horas intermináveis. Na verdade, havia ocasiões em que até se sentia grato por elas. Nunca fugia às suas responsabilidades na vida profissional ou pessoal. Tomava conta de Nina, a sua mulher inválida. A pedido insistente desta, depois do acidente haviam-se mudado para Chicago, a fim de começarem vida nova. Ele arranjava emprego duas semanas depois de

chegar, o que achara um bom augúrio. Foram tempos agitados, mas felizes. Ele e Nina resolveram utilizar uma pequena parte do dinheiro do acordo para comprar uma espaçosa casa de andar e meio nos arredores da cidade e, uma vez as malas desfeitas e tudo arrumado, passava as noites de verão a colocar rampas e a modificar o primeiro piso, para que Nina não tivesse nenhuma dificuldade a movimentar-se na sua nova e levíssima cadeira de rodas do mais moderno que havia. Nina ficara paraplégica depois do acidente e, claro, nunca mais voltaria a andar. Ele aceitara o que o destino lhes reservara e não perdera o alento. Quando a mulher recuperou as energias e aprendeu a desenvencilhar-se sozinha durante o dia, ficou aliviado.

Quando estava em casa, fazia questão em paparicá-la. Todas as noites lhe preparava o jantar e lavava a loiça. A seguir, passava o resto do serão a assistir aos programas de televisão preferidos dela.

Estavam casados há dez anos e em todo esse tempo o amor que tinham um pelo outro não diminuía. Quanto mais não fosse, o terrível acidente afastara qualquer possibilidade de complacência ou de se considerarem garantidos um ao outro. O que não admirava. A sua doce e meiga Nina morrera naquela mesa de operações mas, de repente, milagre dos milagres, voltara de novo para ele. Os cirurgiões tinham passado a noite a tentar salvá-la. Quando a notícia de que ela recuperaria chegou aos seus ouvidos, foi até à capela do hospital, onde se ajoelhou e prometeu passar o resto da vida a fazê-la feliz.

Ele tinha uma vida rica, preenchida... com uma pequena exceção.

A tomada de consciência de que o demónio existia não fora gradual. Não, manifestara-se de repente.

A noite ia a meio. Não conseguia dormir, pelo que, em vez de estar sempre às voltas e correr o risco de acordar Nina, foi até à cozinha, que ficava no lado oposto da casa, e pôs-se a andar de um lado para o outro. Achou que um copo de leite quente poderia acalmar-lhe os tremores e fazer-lhe sono, mas o certo é que de pouco serviu. Ia a colocar o copo vazio no lava-loiça quando este lhe escorregou da mão e se estilhaçou na tina. O barulho pareceu reverberar pela casa toda. Correu até à porta do quarto e deteve-se no lado de fora à espera, de ouvido à escuta. O ruído não acordara a sua mulher, de modo que se sentiu de imediato aliviado e voltou, silenciosamente, para a cozinha.

A sua ansiedade crescia de minuto a minuto. Estaria a enlouquecer? Não, não. Era mais um dos seus ataques. Apenas isso. E aquele até nem era dos piores. Podia controlá-lo.

O jornal estava no contador, onde o deixara. Pegou nele e levou-o para cima da mesa. Decidiu lê-lo de fio a pavio, até ficar de tal maneira ensonado que mal conseguisse

manter os olhos abertos. Começou pela secção desportiva, que leu de uma ponta à outra, e depois passou para as notícias locais. A seguir a um artigo sobre a dedicação de um novo parque novo e de uma pista de jogging, abriu bem o jornal e reparou imediatamente na fotografia de uma linda mulher na frente de um grupo de homens. Fazia pose, empunhando uma tesoura pronta a cortar uma fita estendida em frente da pista, de um marco ao outro. E sorria para ele.

Não conseguia afastar os olhos dela.

Estava a ler os nomes na legenda por baixo quando aconteceu. De repente sentiu um aperto esmagador que mal o deixava respirar. Um choque muito semelhante ao de um raio atravessou-lhe o coração, provocando-lhe uma dor excruciante. Estaria a ter um ataque cardíaco ou seria mais um surto de pânico?

Tenta acalmar-te, disse a si mesmo. Descontraí. Respira fundo.

A ansiedade era cada vez maior e com ela veio o terror, horrível, se bem que, familiar. A seguir teve uma sensação de queimadura e de enorme comichão na pele, o que o fez coçar desesperadamente os braços e as pernas, ao mesmo tempo que se levantava de um pulo e se punha a andar à volta da bancada central da cozinha. O que lhe estaria a acontecer?

Ao aperceber-se de que corria, obrigou-se a parar. Olhou para baixo e reparou nos arranhões extensos e denteados. Tinha traços ensanguentados nos braços e nas pernas, e alguns dos cortes eram de tal modo profundos que o sangue pingava deles para o chão. Estava prestes a explodir. Arrepelou os cabelos e gemeu, porém o terror já escarnecia dele. Foi então que, como uma luz ofuscante, a epifania se manifestou. Deu-se repentinamente conta de que já não controlava o próprio corpo. Nem mesmo conseguia respirar.

Viu e compreendeu com espantosa clareza. Alguém respirava por ele.

A manhã seguinte veio encontrá-lo adormecido no chão da cozinha, enrolado na posição fetal. Teria desmaiado? Pensou nessa possibilidade. Levantou-se, vacilante, procurando apoio com a mão na beira da bancada central. Fechou os olhos, respirou várias vezes e endireitou-se lentamente. Reparou na tesoura em cima do jornal dobrado. Fora ele a colocá-la ali? Não conseguia lembrar-se. Voltou a guardá-la dentro da gaveta, onde era o seu lugar, e pegou no jornal para o ir deitar no contentor da reciclagem da garagem. Reparou então no recorte que fizera. Tanto o artigo como a foto da mulher sorridente estavam ali, no meio da sua mesa, esperando por ele. Sabia quem os pusera ali. Assim como também sabia porquê.

O demónio queria-a.

Enterrou o rosto entre as mãos e chorou.

Sabia que tinha de arranjar outra maneira de aplacar a besta. A actividade física parecia ajudar. Foi até ao ginásio e começou a praticar como um homem obcecado. Uma das suas rotinas preferidas era enfiar umas luvas de boxe e socar um saco com o máximo de força que pudesse e durante o máximo de tempo que conseguisse. Perdia a noção das horas e só parava quando já não conseguia levantar os braços sem que tal lhe provocasse dores insuportáveis.

Mantinha, durante dias, o corpo num estado de exaustão permanente. Mas nem mesmo isso parecia ser suficiente.

O tempo começava a escassear. O demónio consumia-o. Ironicamente, quem lhe deu a ideia foi a mulher. Uma noite, quando ela lhe fazia companhia durante a lavagem da loiça, sugeriu-lhe uma saída nocturna.

Só uma noite, insistiu ela, para se poder divertir e conviver um pouco com os amigos.

Ele opôs-se o mais que pôde. Já eram demasiadas as noites em que tinha de estar longe dela por motivos profissionais. E que dizer das alturas em que saía para ir correr ou fazer exercício no ginásio? Com certeza já passava mais do tempo suficiente sozinha.

Ela foi mais teimosa do que ele e continuou a tentar convencê-lo. Por fim ele concordou, só para a contentar.

Aquela seria, portanto, a sua primeira noite fora. Já sentia a adrenalina a jorrar. Estava nervoso e excitado como na altura em que se encontrara com uma rapariga pela primeira vez.

Antes de sair de casa, disse a Nina que iria até à cidade para conviver com uns amigos no *Sully's*, um bar muito conhecido, mas ela não se preocupou; se bebesse demais, levá-lo-iam a casa. Iria de táxi.

Não passou tudo de uma mentira.

Não, ele não iria à cidade para descontraír. Iria até lá para caçar.